



## A POESIA COMO MORADA DO HOMEM EM HEIDEGGER

DOUGLAS GADELHA SÁ<sup>1</sup>;  
LUIS EDUARDO XAVIER RUBIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – douglasgadelhasa@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – luiseduardorubira@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O pensamento estético de Heidegger, ou aqueles escritos em torno da arte, se consagra com a sua reviravolta [*Kehre*] de pensamento. No autor alemão a Estética teve um lugar de crítica, junto à destruição que empreendeu sobre as estruturas metafísicas da Filosofia ocidental. Por isto, falar em *estética* não nos cabe. O autor fez Filosofia da Arte, isto é, o movimento pelo qual considera-se a produção artística, enquanto um suporte estético, para uma reflexão filosófica que busca interpretação, compreensão e análise das obras e manifestações artísticas: “*Heidegger é mais do que um crítico ao falar da poesia*” (NUNES, 2011, p.117), comenta Benedito Nunes sobre a abordagem ontológica da arte de. A diferenças entre Estética e Filosofia da arte encontra-se no modo de abordagem acerca do fenômeno da arte. A primeira, enquanto ciência do belo elabora e determina categorias abstratas para explicar os efeitos da arte através da sensibilidade e do entendimento, esboçada no século XVIII. A segunda, refere-se ao olhar dirigido para uma obra, que procura compreender a sua produção e sua recepção através da crítica ou de uma teoria, isto é, perspectivar um elemento ou um tema na interpretação da obra. Além disto, a Filosofia da Arte foi um movimento fronteiro com o começo da Estética, ainda tímido no XVIII com Lessing em “*Laocoonte, ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia*”, com Schlegel em “*Conversas sobre Poesia*” ou com Diderot e alguns franceses, tendo logo adiante a abrangência com Nietzsche e Baudelaire, e no século XX se alarga ainda mais para um plêiade de filósofos e ensaístas como Merleau-Ponty, Theodor Adorno, Walter Benjamin, J-P Sartre e até artistas como Valery, Duchamp, Rilke, Cocteau.

Este contexto situacional nos ajuda a compreender o momento em que Martin Heidegger (1889-1976) se encontra. Em sua segunda fase de pensamento (1931), escopo circunscrito por esta pesquisa, a obra de arte [*Kunstwerk*] se torna a espinha dorsal do pensamento originário, cujo atravessamento do ser revelará na arte o desvelamento da verdade, sendo a Arte esse campo de abertura ao fenômeno da verdade, fundando uma nova relação com o mundo, isto é, onde o homem abandona as amarras metafísicas para poder (re)surgir numa fundação humana do homem.

A presente pesquisa procura investigar este cenário heideggeriano, seguindo a hipótese de que o conceito de *Humanismo* possa ter alguma ressonância na ontologia da obra de arte feita a partir da poesia de Friedrich Hölderlin (1770-1843), presente em sua obra *Explicações da poesia de Hölderlin* [1936-1968], pois na *Carta Heidegger* já indicou brevemente a poesia, citando Hölderlin, como uma nova morada para a



*humanitas* do homem na proximidade com verdade do ser. Investigando o resgate deste Humanismo que empreende uma proximidade do homem com o ser, que o afasta do pensamento técnico, nos parece indicar, dentro dos limites da interpretação brasileira<sup>1</sup>, os caminhos de uma possível ética originária em Heidegger. Embora o autor não tenha pensado uma *ética* enquanto uma fundamentação da moral e da ação, Heidegger na *Carta sobre o Humanismo* [1949] apresenta uma concepção não comprometida *ontologicamente* com a metafísica. Nesta ausência de qualquer traço deontológico ou virtuosístico, ou seja, propostas que buscaram determinar a essência do homem e fazer dele humano, Heidegger vai considerar “*toda a filosofia dos últimos milênios um gigantesco erro, inspirado pelo humanismo*” (CARPEAUX, 2013, p.239) e articular uma espécie de anti-humanismo, ou melhor, um *ethos-originário* cuja formulação se encontra na pergunta que abre o seu texto sobre o humanismo: “em que consiste a humanidade do homem?” (HEIDEGGER, 2009, p.34). Não se trata de determinar o homem em sua humanidade, mas em resgatar a *própria* humanidade do homem.

Segundo Heidegger, a recepção latino de *παιδεία* (paidéia) transformada em *humanitas* por si só evidencia um equívoco, pois com a tradução esqueceu-se experiência originária lá dos gregos. A apropriação latina da paidéia “[...] esconde, por detrás da tradução aparentemente literal, e que por isso preserva, uma *tra-dução* (*übersetzung*) da experiência grega, para outro modo de pensar.” (HEIDEGGER, 2018, p.15), o que gerou posteriormente complicações para se compreender que significa concretamente *Humanismo*. Abandonando este resquício metafísico e o seu modo de pensar apropriador, Heidegger outorga um novo estatuto para o conceito, ressignificando a possibilidade de um novo *ethos* para se pensar **a ação humana(cuidado)**, frente às urgências que o mundo contemporâneo da técnica, do cientificismo e da fragmentação impõe à Heidegger. Este contexto demasiadamente humano, reclama à Arte uma ajuda. A relação entre Arte [Filosofia da Arte] e Verdade [Ontologia], aparece como um vínculo entre o pensamento estético e o pensamento

---

<sup>1</sup> A possibilidade de um *ethos* em Heidegger é uma leitura polêmica, gerando divergências desde sua recepção na publicação das *Cartas sobre o Humanismo* (1947). Ao mesmo tempo que sofre críticas, gera questionamentos e novos olhares. Na Europa, filósofos de peso discordam do pensamento heideggeriano: Levinas e a hierarquia ontológica; Agamben e o limite da autenticidade frente aos campos de concentração; Adorno acusa a irracionalidade do discurso heideggeriano e a interpretação equivocada de Hölderlin; formando assim uma crítica política, estética e ontológica em torno de Heidegger. No Brasil, a fortuna crítica se divide entre: André Duarte no texto “**Por uma ética da precariedade: sobre o traço ética de Ser e Tempo**” (2000), Claudia Drucker em “**Dostoiévski, Heidegger, técnica e ética**” (2004) e o Oswaldo Giacóia “**Heidegger urgente: introdução a um novo pensar**” (2013), cada um à sua maneira articula uma leitura ética em Heidegger, todos tendo como pano de fundo o diálogo com *Ser e Tempo*. O encontro de todo este estado da arte, está no brilhante texto de Saulo Sbarini: “**Problemas e perspectivas no pensamento de uma ética-ontológica em Heidegger**” (2016), que aponta críticas, abre caminhos, deixa possibilidade e atualiza a fortuna crítica sobre Heidegger no que tange uma leitura ética. Porém, este caminho aparece nas próprias palavras do pensador, acenando uma nova formulação: a clareira do ser próxima ao homem na sua correspondência. Entretanto, o que nos interessa aqui é pensar a concepção de Humanismo ontológico de Heidegger e verificar sua presença na hermenêutica da obra de arte que realiza na leitura que faz Hölderlin, assim, não se torna excludente (mas sim, benéfico) se há ou não possibilidade ética no pensamento heideggeriano após 1930.



poético, em que o poético torna-se o habitar do homem neste mundo cuja revelação da verdade aparece frente à própria poesia: “a poesia é a fundação do ser pela palavra” (HEIDEGGER, 2013, p.51). Fazer da poesia a morada do homem resgatando o “*estar-aí do homem*” (*Dasein*), é, pois, o fio condutor pelo qual compreenderemos o *Humanismo* implicado na ontologia da arte a partir do poeta alemão Hölderlin.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou dois movimentos metodológicos: bibliográfico e hermenêutico e os dois momentos frequentemente se cruzam. O primeiro foi a partir do levantamento dos dois textos de Heidegger, ambos em sua segunda fase e pertencentes à períodos que se atravessam, a *Carta sobre o Humanismo* de 1947 está implicada no meio desses quase 30 anos (1936-68) de ensaios, conferências e cartas que Heidegger escreveu sobre Hölderlin na sua posterior *Explicações da poesia de Hölderlin*. Daí que ambos os movimentos se cruzam, pois a semelhança bibliográfica está implicada no olhar hermenêutico, tanto do pesquisador e do próprio filósofo, que vislumbramos durante a pesquisa: procurando entender o seu pensar “ethos” encontramos ressonâncias “estéticas”, e no interesse pela sua ontologia da arte, encontramos evidências “éticas”, demonstrada até agora. Procedemos em investigar a possibilidade de haver alguma ressonância, de um determinado conceito elaborado e publicado só 1947, oriundos de textos que o autor já vinha escrevendo desde 1938, que acabou mostrando inclusive em 1947 (*Sobre o Humanismo*, p.88) um olhar minimamente formado sobre a poesia de Hölderlin antes das *Explicações* (publicada e reunida apenas em 1951). Além do mais, é importante para esta pesquisa mostrarmos também o traço “ético” de seu pensamento, uma vez que o *ethos-originário* em Heidegger é motivo de uma significativa disputa interpretativa. Durante escrita do pré-projeto a hipótese sugerida mostrou, ainda que preliminarmente, indicações claras do caminho interpretativo que Heidegger deixava em seus textos. Seguimos estas “indicações prévias” e a partir do cotejo das obras foi possível perceber as ressonâncias ético-ontológicas em sua ontologia da obra de arte na poesia alemã. A intenção da pesquisa agora é percorrer estas indicações e verificar a possibilidade de o *Humanismo* funcionar em sua hermenêutica posterior, mote central da nossa investigação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leitura de Hölderlin feita por Heidegger pertence à um “*diálogo de um pensamento com uma poesia*” (p.15), e este diálogo pensante não reivindica um acordo com a teoria ou crítica literária, muito menos à estética. Considerado “o poeta do poeta” (p.44), aquele que busca o essencial da essência, i.e, o sentido de ser do homem, Hölderlin será levado muito a sério através de uma escuta silenciosa aberta pela sua poesia. Iremos nos deter em uma parte da análise feita por Heidegger do poema *Recordação (1808)* de Hölderlin.

Mas agora foram para as Índias  
os homens,  
ali no cume arejado  
junto aos vinhedos, onde

desce o Dordonha,  
[...] como um mar o rio acaba.  
Mas o mar tira e dá memória,  
e o amor também prende diligente olhares.  
Mas o que fica, os poetas fundam.  
(FRIEDRICH HÖLDERLIN, **Recordações**)

A palavra em alemão, *Andenken*, significa uma espécie de pensar em recuo. “Um permanente, fundam os poetas” e o autor pergunta pela ambiguidade do poema, e daí acena a resposta do poeta: “O poeta responde: A verdade poética desta essência é o poematizado no poema ‘Recordação’”. Iremos reproduzir a análise do pensador sobre o poema de Hölderlin:

O habitar fundante, próximo à origem, é o habitar originário, no qual o poético se baseia pela primeira, sobre cujo chão, os filhos da terra (Homens, - grifo nosso) devem morar pela primeira vez, se é que, de resto, “habitarem poeticamente sobre esta terra”. O poematizar “dos poetas” é, agora, a fundação do permanente. A permanência é enquanto “recordação” originária. A permanência prepara o lugar histórico em que a humanidade histórica [...] precisa aprender a tomar residência. A “recordação” é a permanência. A verdade poética da recordação se abriga no “ir” do rio. (HEIDEGGER, 2013, p.167, 169)

Finalizamos com mais uma citação do filósofo que esclarece a tentativa deste trabalho: “*o último passo de cada interpretação, mas também o mais importante, consiste em desaparecer, junto com sua explicação, diante do simples estar aí do poema*” (HEIDEGGER, 2013, p.16).

#### 4. CONCLUSÕES

*“Talvez cada explicação destes poemas seja um cair da neve sobre o sino. Seja lá o que for que uma explicação consiga ou não, pode-se sempre dizer a respeito dela [...] A explicação do poema deve sempre ambicionar tornar-se supérflua em favor do que é dito poeticamente.”* (HEIDEGGER, 2013, p.16)

A citação acima resume o nosso empreendimento até aqui. A união entre Ética e Estética no pensamento de Heidegger pôde se mostrar suficiente, visto a análises do próprio pensador. Esta pesquisa ainda mantém em desenvolvimento, procurando aprofundar as análises, basear e melhorar a fundamentação teórica acerca do mapeamento conceitual do Humanismo na ontologia da obra de arte a respeito da poesia alemã.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAU, Albin Eduard. *O humanismo no pensamento de Heidegger*. **Humanitas**. Coimbra, 2. 1949.
- NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Org. Maria José Campos. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **Explicações da poesia de Hölderlin**. Tradução de Claudia Pellegrini Drucker. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o Humanismo**. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.